A CRIANÇA COM TEA COMO PROTAGONISTA DO PROCESSO TERAPÊUTICO NA LUDOTERAPIA CENTRADA NA CRIANÇA

Maria Gabriela Silva Campos
Discente de Psicologia – Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)
mariagabriela.sscampos@gmail.com

Profª Ma. Juliana Batista Fitaroni
Supervisora do Estágio Específico I e II – Políticas de Saúde
juliana.fitaroni@univag.edu.br

Profª Aline Mercedes Fonseca Ramminger
Supervisora de Campo e Coordenadora Clínica do Serviço Integrado de Psicologia
aline.ramminger@univag.edu.br

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exigem das terapias infantis uma escuta sensível à comunicação não verbal, especialmente nos níveis de suporte 1 e 2, nos quais podem apresentar limitações na comunicação verbal, o que torna o brincar um dos principais canais de expressão da criança. Contudo, nesse contexto, frequentemente são utilizadas estratégias de intervenção rígidas, pautadas em uma ótica comportamental e diretiva, nas quais a autonomia da criança em guiar o processo terapêutico é colocada em segundo plano.

Durante o estágio supervisionado em Psicologia Clínica, realizado no serviço-escola de Psicologia de uma instituição de ensino superior, foi possível perceber como, a partir da Ludoterapia Centrada na Criança, as sessões de psicoterapia podem se tornar um espaço que favorece o protagonismo da criança com TEA. A partir de uma abordagem não diretiva e permissiva, buscou-se promover a autonomia, fortalecer a autoestima e ampliar as habilidades sociais da criança atendida.

Este trabalho objetiva refletir teoricamente sobre a importância da ludoterapia como um espaço de livre expressão e não diretividade, favorecendo o protagonismo da criança com TEA no processo terapêutico. A reflexão parte das vivências e discussões realizadas no Estágio Específico I – Políticas de Saúde, desenvolvido na área da Psicologia Clínica e fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Ademais, pretende-se refletir sobre como o brincar emerge como principal via expressiva para crianças com

ISBN: 978-85-88900-14-1

comunicação verbal limitada, demandando do terapeuta uma compreensão empática e intervenções mediadas pelo meio lúdico.

A Abordagem Centrada na Pessoa, segundo Rogers (1983), fundamenta-se na ideia de que o ser humano possui uma capacidade intrínseca para o autodesenvolvimento, denominada tendência atualizante. No ambiente terapêutico, para que o cliente se desenvolva de forma saudável, é necessário que o terapeuta promova um ambiente facilitador por meio de três atitudes fundamentais: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. A congruência caracteriza-se pela autenticidade e sinceridade do terapeuta na relação com o cliente, removendo possíveis barreiras que possam surgir no encontro terapêutico. A consideração positiva incondicional refere-se a uma atitude positiva e aceitadora em relação a quem o cliente é e ao que ele expressa naquele momento, sem julgamentos por parte do terapeuta. Por fim, a compreensão empática consiste na capacidade do terapeuta de captar com precisão os sentimentos e significados vivenciados pelo cliente, comunicando essa compreensão de forma sensível. Assim, nesse ambiente relacional, o indivíduo pode desenvolver recursos internos que favorecem formas mais positivas e construtivas de vivenciar suas experiências (Rogers, 1983).

A Ludoterapia Centrada na Criança opera a partir desses princípios da ACP. Segundo Bacellar (2010), desde o nascimento, toda criança possui dois atributos fundamentais: uma tendência natural para atualizar suas potencialidades e a capacidade de compreender a realidade a partir de suas próprias percepções experienciais e de seu ponto de referência interno. Gradualmente, a criança desenvolve a noção de self, pois, ao exercer sua tendência atualizante, passa a perceber que a avaliação de suas experiências é distinta da existência do outro.

Assim, ao estabelecer um vínculo com um cuidador que respeita sua tendência atualizante e compreende seu comportamento como parte de um processo de aprendizagem — e não como intenção negativa —, a criança pode desenvolver um self mais alinhado com sua experiência real e congruente, mantendo confiança em seu referencial interno para responder à realidade (Bacellar, 2010).

Desse modo, para que a criança desenvolva a consciência de que possui autoridade e liberdade para guiar seu próprio desenvolvimento em direção a uma atitude

ISBN: 978-85-88900-14-1

autorrealizadora, é necessário que a relação terapêutica se configure como um ambiente aceitador, sem direção do brincar e sem seleção prévia dos brinquedos, permitindo que a criança se expresse livremente (Bacellar, 2010).

Segundo Axline (1972), essa permissividade é essencial, pois permite que, ao direcionar a forma como a sessão acontece, a criança assuma responsabilidade por suas próprias escolhas e revele, por meio do brincar, aquilo que é significativo para ela. Essa atitude possibilita que a criança desenvolva um sentimento de valor pessoal e uma consciência de sua capacidade de autodireção. Além das atitudes destacadas por Rogers, Axline (1972) aponta também oito atitudes básicas do terapeuta na psicoterapia infantil: gostar de crianças e construir uma relação calorosa e atenciosa; aceitar a criança como ela é; ser permissivo para que ela se sinta livre para se expressar; ser sensível aos sentimentos da criança, refletindo-os; confiar na capacidade da criança de resolver seus próprios problemas; não dirigir as sessões e permitir que a criança indique o caminho; respeitar o tempo do processo terapêutico; e estabelecer apenas os limites necessários para que a criança tenha consciência de sua responsabilidade na relação terapêutica.

Segundo Fadda (2013), quando o olhar se limita apenas ao comportamento do sujeito, corre-se o risco de distanciar-se da experiência vivida por ele. Dessa forma, ao lidar com crianças autistas, torna-se necessário ampliar o olhar para compreender, de maneira mais sensível, a experiência que essas crianças estão vivenciando.

Cristo (2009) afirma que, quando crianças autistas são aceitas em um clima facilitador, o nível de tensão tende a diminuir, possibilitando que elas se sintam menos pressionadas. Nesse ambiente relacional, juntamente com o psicoterapeuta, podem buscar alternativas de comunicação e desenvolver novas formas de linguagem.

Nesse sentido, especialmente com crianças autistas de suporte nível 1 e 2, que apresentam limitações na comunicação verbal, o brincar pode se tornar o principal canal de comunicação entre cliente e psicoterapeuta, uma vez que se caracteriza como uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança (Bomtempo, 1986).

O estágio supervisionado em Psicologia Clínica foi realizado no serviço-escola de Psicologia de uma instituição de ensino superior. Os atendimentos ocorreram de forma presencial, em ambiente sigiloso, com supervisão semanal. Durante o estágio, foram

ISBN: 978-85-88900-14-1

realizados atendimentos semanais a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, classificadas em diferentes níveis de suporte.

A prática clínica foi orientada pelos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, utilizando as três atitudes facilitadoras propostas por Rogers (1983), associadas à Ludoterapia Centrada na Criança, que busca oferecer um espaço de crescimento por meio da livre expressão no brincar (Axline, 1972). O trabalho clínico foi desenvolvido a partir de uma abordagem não diretiva, oferecendo, a cada semana, diferentes possibilidades de brinquedos, garantindo autonomia para que as crianças escolhessem as brincadeiras e conduzissem o desenvolvimento das sessões. Além disso, foram estabelecidas algumas regras básicas para o funcionamento do espaço terapêutico, como o respeito ao tempo da sessão, à integridade dos materiais e à segurança física das crianças e da terapeuta. Segundo Axline (1972), esses limites são necessários para manter a organização e a segurança das sessões.

Em razão das limitações na expressão verbal das crianças, as interações entre psicoterapeuta e clientes ocorreram principalmente por meio do brincar. Ao longo das sessões, surgiram situações relacionadas à espera da vez, ao respeito às regras do jogo, ao reconhecimento do espaço do outro, ao medo de errar e às tentativas de encontrar novas formas de realizar as atividades. Diante dessas situações, a estagiária buscava refletir com as crianças sobre a importância do respeito ao espaço e à vez do outro, incentivava novas tentativas diante das dificuldades e acolhia os sentimentos emergentes durante as atividades. Essas intervenções tinham como objetivo favorecer um ambiente facilitador para que as crianças desenvolvessem confiança em suas capacidades e pudessem agir de forma mais alinhada com seu referencial interno.

Portanto, conclui-se que a Ludoterapia Centrada na Criança, fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa, configura-se como uma abordagem clínica potente para o atendimento de crianças com TEA, ao reconhecer o brincar como linguagem fundamental de expressão, comunicação e elaboração subjetiva. Ao favorecer um ambiente facilitador, o processo terapêutico contribui para o protagonismo da criança, respeitando seu tempo, suas escolhas e seu modo singular de se apresentar ao mundo.

Nesse sentido, a experiência no estágio supervisionado em Psicologia Clínica evidenciou que, mesmo diante de limitações na comunicação verbal, é possível construir um espaço

ISBN: 978-85-88900-14-1

terapêutico acolhedor, seguro e facilitador, no qual a criança possa desenvolver autonomia, ampliar sua confiança e experimentar novas formas de interação social e de expressão emocional. Dessa forma, este trabalho reafirma a relevância de práticas clínicas que compreendam a criança com TEA não apenas a partir de seus comportamentos, mas sobretudo a partir de sua experiência vivida, valorizando sua capacidade de autodireção e de desenvolvimento. Assim, a Ludoterapia, quando articulada aos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, mostra-se um caminho ético e sensível para promover uma escuta qualificada, o fortalecimento do self e o reconhecimento da criança como sujeito ativo no processo terapêutico.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Ludoterapia; Transtorno do Espectro Autista.

ISBN: 978-85-88900-14-1

REFERÊNCIAS:

AXLINE, Virginia M. **Ludoterapia:** a dinâmica interior da criança. Rio de Janeiro: Interlivros, 1972.

BACELLAR, A. Ludoterapia centrada na pessoa: a psicoterapia infantil proposta pela abordagem centrada na pessoa. In: BACELLAR, A. (Org.). **A psicologia humanista na prática:** reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa. Florianópolis: Unisul, 2010. p. 145-167, cap. 8.

BOMTEMPO, Edda (coord.). **Psicologia do Brinquedo:** aspectos teóricos e metodológicos. São Paulo: EDUSP, 1986.

CRISTO, Dorotéa Albuquerque. A Construção de uma Relação de Ajuda com Portadores da Síndrome do Autismo**. Revista do Nufen**, Belo Horizonte, ano 01, n. 01, p. 12-25, abr./ago. 2009.

FADDA, Gisella Mouta. **Autismos e o olhar centrado na pessoa**. 2013. 60 f. Monografia. Universidade da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), Belo Horizonte, 2013.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983. p. 45-78.

ISBN: 978-85-88900-14-1